



## ENSINO E CULTURA AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E LUSITANA: PRÁTICAS E VIVÊNCIAS EDUCATIVAS – CASO CABO VERDE <sup>1</sup>

Rosa Maria Semedo da Veiga Freire<sup>2</sup>

Universidade de Santiago – Cabo Verde - rosasiliano123@gmail.com

1

### RESUMO

O presente texto pretende, em conformidade com o tema proposto na Mesa-Redonda *Estudos, práticas e vivências educativas no contexto africano, brasileiro e portugueses*, durante o primeiro Simpósio Internacional de Ensino e Cultura Afro-Brasileira e Lusitanas (SINAfro), trazer para o debate algumas reflexões no âmbito das práticas e vivências educativas – caso Cabo Verde (África). O texto resultou de uma pesquisa exploratória bibliográfica e reflexões saídas de experiências vividas na prática docente em Cabo Verde. Portanto, se enquadra dentro de uma pesquisa qualitativa. Um dos arcabouços teóricos que engendrou a estruturação do texto é a questão étnico racial e sua relação com a educação e o ensino. Com uma formação histórica compósita por duas valências culturais, África e Europa, todo o seu sistema político, social e cultural foram perpassados por elementos culturais desses dois polos numa autêntica peleja de afirmação hegemônica: na época colonial uma educação elitista, predatória e discriminatória; e na época pós independente, preso as amarras do colonial. Isto tem diluído África em Cabo Verde e em particular no sistema educativo acarretando séries de indefinições na questão identitária: Somos africanos? Somos Cabo-Verdianos? Ou Somos Europeus? A resposta e a anulação destas indefinições passa por mudanças no Sistema Nacional de Educação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino em Cabo Verde; Vivências Educativas; Cultura Africana

### 1. INTRODUÇÃO

O primeiro Simpósio Internacional de Ensino e Cultura Afro-Brasileira e Lusitanas (SINAfro) colocou em pauta reflexões sobre práticas e vivências educativas no Contexto africano, brasileiro e português. Este texto vai incidir sobre o caso de Cabo Verde.

A Educação e o Ensino constituem um processo geo e historicamente situada. Sendo assim importa, no bojo desta apresentação referenciar os marcos geo-históricos de Cabo Verde:

<sup>1</sup> Texto apresentado pela autora na Mesa-Redonda *Estudos, práticas e vivências educativas no contexto africano, brasileiro e portugueses*, durante o primeiro Simpósio Internacional de Ensino e Cultura Afro-Brasileiras e Lusitanas (SINAfro), realizado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/Campus Pau dos Ferros-RN.

<sup>2</sup> Aluna do Curso de Mestrado em Pedagogia, do Departamento de Ciências de Educação, Fiosofia e Letras-Universidade de Santiago (Cabo Verde).

(83) 3322.3222

contato@sinafro2018.com.br

[www.sinafro2018.com.br](http://www.sinafro2018.com.br)

## Da sua Localização Geográfica:



Fonte: Google

Localizado no Atlântico central, entre o equador e o trópico de câncer tem de latitudes  $14^{\circ} 23'$  e  $17^{\circ} 12'$  a norte do equador e as longitudes  $22^{\circ}40'$  e  $25^{\circ}22'$  a oeste do meridiano principal. Cabo Verde integra o conjunto denominado Macaronésia<sup>3</sup>. Cerca de 500 km o separa da costa ocidental africana. Faz parte da região saheliana<sup>4</sup>, conferindo-lhe um clima semidesértico, com chuvas irregulares e uma vegetação rasa.<sup>5</sup>

## - Da sua formação arquipelágica:



Fonte : Atlas bertalan

<sup>3</sup> Um conjunto de arquipélagos ( Açores, Canárias, Madeira, Cabo Verde) localizados no atlântico perto do enclave macaronésio, consideradas ilhas afurtunadas segundo a lenda hespiritana.

<sup>4</sup> Sahel é uma subregião africana, localizada numa faixa do deserto de sara e que tem um clima semdesértico

<sup>5</sup> Tem um clima que se assemelha ao do Sertão Nordestino e sua cobertura vegetal tem um ciclo de vida, também semelhante ao do Catinga ( em função da queda das chuvas)

Como cantou a Diva dos Pés descalços, Cesària Évora<sup>6</sup>, Cabo verde é *Dez Granzinho di terra qui Deus spaia na mei di mar*<sup>7</sup> em referência à sua constituição arquipelágica de dez ilhas agrupadas em dois grupos, Barlavento e Sotavento.<sup>8</sup>

### - Da sua formação histórica

Foi «descoberto»<sup>9</sup> pelos portugueses em 1460 no contexto da expansão marítima do século XV. No momento da descoberta encontrava-se desabitada. O arquipélago tem um clima tropical seco e apresenta poucos recursos naturais: Sol, mar rocha e homens são as suas riquezas.

Segundo documentações oficiais, cartas régias, ao arquipélago foi imposto um povoamento<sup>10</sup> com grupos humanos vindos da Europa ( Algarvinos, catalãs, genoveses entre outros ) e da África, mas concretamente da costa da Guiné ( Manjacos, Fulas, Balantas, Felupes, Papéis são exemplos de alguns grupos de origem africano). Neste cenário, também foram lançados as bases para a exploração económica da mesma. Sendo um arquipélago de poucos recursos naturais, através da carta régia de 1472, incentiva-se aos moradores a desenvolverem atividades económicas na própria ilha, pois anteriormente as bases económicas estavam voltadas para a exploração de atividades comerciais na Costa da Guiné ( carta régia de 1466 )<sup>11</sup>: Introduziram-se no arquipélago plantas e animais provenientes de várias latitudes (algumas delas, até hoje constituem base da economia e gastronomia nacional: Milho, Cana Sacarina, gado Caprino e Suino). A ilha tornou-se um grande centro Agro- pastoril comercial e artesanal, exportando urzela, algodão, chacina, sangue draga, purgueira etc. De realçar que toda a exploração económica desenvolvida no arquipélago foi do tipo escravocrata ( até à data da abolição da escravatura). Aproveitando a sua posição geoestratégica, no cruzamento das rotas comerciais da África, Europa e América, muito cedo se transformou num grande entreposto comercial e de ladinização de escravos. Fundou-se, assim, a primeira cidade europeia no Atlântico, Ribeira Grande de Santiago , hoje denominada cidade velha, Património Histórico Mundial.

<sup>6</sup> Cesária Évora, também conhecida pela musa dos pés descalços, a rainha das mornas: é considerada uma das responsáveis pela internacionalização da música caboverdiana: Mornas e Coladeiras.

<sup>7</sup> Dez Grãos de Terra Espalhados por Deus no Meio do Mar.

<sup>8</sup> Mostrar a importância de conhecer esse agrupamento pois tem uma implicação histórico marcante nas vivências e práticas do homem caboverdiano

<sup>9</sup> Um fato polémico, pois existem possibilidades de Cabo Verde ter sido anteriormente visitado e ocupado esporadicamente por populações da costa da Guiné-

<sup>10</sup> O povoamento do arquipélago teve o seu arranque pela ilha de Santiago e foi progressivamente estendido a outras ilhas. Este processo veria a acaretar algumas consequências no corpo fenotípico da população das diferentes ilhas: Algumas com predominância de pretos( sotavento ) e outros de mestiços e brancos ( barlavento),

<sup>11</sup> Uma carta comumente chamada de carta de privilégios: diante da dificuldade inicial em povoar o arquipélago foram atribuídos um conjunto de privilégios aos moradores de Santiago.

**Do ponto de vista sociológico** a estrutura escravocrata criou uma sociedade bastante diferenciada e desigual. Distingue-se na prática quotidiana e nas leis da então colônia, os seguintes grupos sociais: Brancos reinóis, brancos de terra, Mestiços, Mulatos, Negros, livres, Escravos, (em função da conjuntura socio-económica de cada período evolutivo da sociedade escravocrata).<sup>12</sup>

**Do ponto de vista cultural** a sociedade cabo-verdiana pela sua formação multiétnica se transforma numa mescla de valores culturais: Lopes Filho fala de uma sociedade sugeneris, mestiça; Brito Semedo fala de uma sociedade híbrida. Estas ideias estão associadas a uma ideologia assente na mestiçagem humano-cultural em Cabo Verde por termos uma sociedade formada de elementos afro e Europeus.<sup>13</sup>

**Do ponto de vista político e ideológico** o arquipélago esteve quase cinco séculos debaixo da dominação colonial<sup>14</sup> portuguesa. Foram tempos de dominação em todas as suas formas. No entanto na década de 50 do século XX, há um despertar da consciência nacional liderado por Amílcar Cabral<sup>15</sup> que culmina com a luta de libertação nacional e consequentemente da Independência do país em 5 de Julho de 1975.

Dos anos que se seguem à independência, o país passou por sucessivos governos, sempre numa alternância de poder bipolarizado entre dois partidos políticos: PAICV (partido africano para a Independência de Cabo Verde, que liderou a luta de libertação nacional, governou o país de 1975 até 1990 e 2001 até 2016) e MPD (Movimento Para Democracia, saído da abertura política de 1991 conquistando o poder em 1991 e governou o país até 2001; forma o governo atual).

Atualmente Cabo Verde é um país de Direito Democrático, segundo reza a sua constituição. É considerado país de Rendimento Médio. Encontra-se integrada no grupo dos países da CEDEAO e é membro da UA<sup>16</sup>. Também é membro da CPLP.

#### - Da Geoeconomia

Do ponto de vista económico, o país é fortemente condicionado pela sua natureza geonatural marcada por escassez de recursos naturais. A população vive de uma agricultura de subsistência. Sendo um país insular, uma grande parte, também, da sua população vive da pesca.

<sup>12</sup> Esta categorização humana marcou a mentalidade do homem cabo-verdiano com sérias repercussões identitárias na atualidade. Falaremos mais tarde de um racismo que se diz disfarçado.

<sup>13</sup> Esta mescla tem suscitado debates contraditórios em torno da afirmação da identidade entre as populações do arquipélago: uns se identificam com a matriz africana e outros com a Europeia e alguns até negam as duas matrizes para se autodefinirem Cabo-verdianos, nem europeus e nem africanos

<sup>14</sup> No entanto em todo esse tempo temos reistos de lutas e movimentos antiregime colonial: revolta dos Engenhos em 1832, revolta de Ribeirão Manuel em 1910 sem contar com dezenas de sublevações e movimentos sociais. A mais importante na década de 50/60 conduziu o país à independência nacional

<sup>15</sup> Amílcar Cabral foi líder do movimento nacionalista em África e considerado um dos heróis do povo cabo-verdiano por liderar o processo de luta de libertação nacional.

<sup>16</sup> CEDEAO- Comunidade económica da África Ocidental; UA - União Africana.

### - Da sociodemografia

De acordo com os dados da INE.CV (2017) a população cabo-verdiana é representada por 266.287 de indivíduos de sexo masculino e 264.951 de sexo feminino. Uma diferença pouco irrisória mas com impacto nas relações de género no país.

## 2. BREVE HISTORIAL DA EDUCAÇÃO EM CABO VERDE: PERÍODO COLONIAL

Segundo (Furtado J. P., 2008), a história do ensino em Cabo Verde é uma meada cujo fio condutor parte da Cidade da Ribeira Grande, na ilha de Santiago, hoje chamada Cidade Velha, e, depois, lentamente se estende pelo dédalo do arquipélago, até se generalizar, com o correr dos tempos, por todas as ilhas”. Tráfico Negreiro e Ladinização de escravos (cristianização e transmissão de alguns princípios da língua/ comunicação), a ação Missionária ( de realçar o importante papel da Igreja Católica nesta ação) constituem os rudimentos da instrução pública no arquipélago<sup>17</sup>. Do período colonial o sistema tinha a finalidade de viabilizar a política colonial (o ensino implantado estava formatado segundo os padrões estabelecidos na metrópole):

o ensino secundário professado nas ilhas era um decalque do modelo existente na metrópole, tendo em conta a já referida condição colonial. Em segundo lugar, a configuração das escolas secundárias (na metrópole), no momento em referência, dividia-se em Nacional e Central. Isso significa que, de acordo com essa configuração legal, apenas o primeiro ciclo do ensino secundário era ministrado no Liceu Nacional de Cabo Verde. A consequência óbvia dessa situação traduz-se no fato de que uma ínfima percentagem dos que acabavam o primeiro ciclo do ensino secundário tinha oportunidades de viajar para a metrópole com o objectivo de concluir o referido nível de ensino (Monteiro, 2014, p. 62).

Entre o século XVI e meados do XIX, o papel da educação esteve limitado apenas à cristianização e ao ensinamento de alguns rudimentos da língua portuguesa aos escravos, para que se entendessem com os futuros donos. A partir do século XIX temos verdadeiramente a implementação da instrução e ensino público. Dos objetivos da educação colonial :

- promover uma “certa amnésia” identitária e cultural do grupo dominado.
- O seu propósito é dominar a mente do colonizado de forma a torná-la propensa aos jogos, crenças e regras do grupo dominante.
- tinha como finalidade viabilizar a continuidade da política colonial.( Monteiro, 2014).

De um modo geral a educação em Cabo Verde seguiu os meandros dos diferentes marcos históricos políticos e ideológicos vividos na metrópole: na visão de Moniz (2008), nasceu no

<sup>17</sup> Dai o carácter instrumentalizador e hegemónico da educação em Cabo Verde no período colonial.

contexto das políticas liberais do século XIX, enfrentou as grandes reformas educativas impostas pelos sucessivos governos republicanos e mais tarde nos meados da década de 20 do século XX, foi subordinado às políticas salazaristas sub impondo-a a várias reformas. Contudo importa realçar que:

a educação colonial visa forjar, na mente do colonizado, uma espécie de crise existencial. Esse é o seu principal objectivo. De facto, é no quadro desta preconcebida crise identitária promovida pela imposição de um novo sistema de valores que a educação colonial forja a sua complexa e dependente estrutura de redefinição da personalidade individual e social. Portanto, trata-se de um processo de dominação mental que, devido às suas características *sui generis*, é de difícil eliminação, sem marginalizar contudo as ferreentas de resistência identitária criadas pelos colonizados ( Monteiro, 2014, p.53).

No que se refere à última parte do discurso de Monteiro (2014 relativo a resistência), o povo caboverdeano sempre desenvolveu mecanismos de resistência, quer em jeito de revoltas e motins sociais, quer do ponto de vista literário e político (o movimento claridoso, movimento nacionalista). Citado por Monteiro (2014), Armah (2006), num artigo intitulado “*What Colonial Education did to Africans*”, resume, de uma forma muito emotiva e acutilante, as bases e os objectivos da educação colonial. Sublinha, desde logo, que a educação colonial implementada pelos europeus em África iniciou-se sem nenhum reconhecimento e valorização das estruturas educativas existentes antes da chegada dos colonizadores (p.36-41). Isto é, a educação colonial, pela sua configuração *sui generis*, ignorou completamente as referências culturais do grupo dominado, como é óbvio. O objectivo foi essencialmente o de criar dúvidas na mente das pessoas a cerca de quem são, conforme reitera Wane (2008, pp. 183 a 197). Por seu turno, Thiong'o (1986), também citado por Monteiro (2014) uma outra figura proeminente do mundo académico africano, sublinha que

education [colonial education], far from giving people the confidence in their ability and capacities to overcome obstacles or to become masters of the laws governing external nature as human beings tends to make them feel their inadequacies and their ability to anything about the condition of their lives.<sup>18</sup>(p.56-57).

A educação colonial, parafraseando Monteiro (2014, p,53), visa forjar, na mente do colonizado, uma espécie de crise existencial. Esse é o seu principal objectivo. De facto, é no quadro desta preconcebida crise identitária promovida pela imposição de um novo sistema de valores que a

<sup>18</sup> Tradução “a educação [educação colonial], longe de dar às pessoas a confiança nas habilidades e capacidades que têm para superar obstáculos ou tornar-se mestres das leis que regem a natureza externa, uma vez que seres humanos tendem a fazê-los sentir suas inadequações e a habilidade deles a respeito das condições de suas vidas”.

educação colonial forja a sua complexa e dependente estrutura de redefinição da personalidade individual e social. Portanto, trata-se de um processo de dominação mental<sup>19</sup> que, devido às suas características *sui generis*, é de difícil eliminação, sem marginalizar contudo as ferramentas de resistência identitária criadas pelos colonizados.

O Sistema Nacional de educação apresentava graves debilidades tanto do ponto de vista infraestrutural como do ponto de vista curricular. Até às vésperas da independência apenas dois liceus, um número ínfimo de professores e um projeto curricular que não se ajusta às condições socioeconómicos do país. O poder colonial não desenvolveu infraestruturas educativas capazes de responder às demandas do povo das ilhas.

### 3. BREVE HISTORIAL DA EDUCAÇÃO EM CABO VERDE: PERÍODO PÓS-COLONIAL

Com a independência nacional, o então governo liderado pelo partido PAIGC/PAICV a educação perseguia os seguintes objetivos: valorização da educação como sector chave de desenvolvimento nacional; Desmantelar os mecanismos e processos educacionais herdadas do colonizador.<sup>20</sup>

A Constituição de 1980 (Boletim Oficial nº 41, 1980), a primeira carta magna do país, evidenciara claramente o valor atribuído à educação. No ponto 1 do Artigo 15º do Título I do referido documento, sublinha-se que:

“(…) educação deve adaptar-se às necessidades, deverá manter-se estreitamente ligada ao trabalho produtivo, proporcionar a aquisição de qualificações, conhecimentos e valores que permitam ao cidadão inserir-se na comunidade e contribuir para o seu incessante progresso. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA DE CABO VERDE, 1980, art. 15º).

Apesar dessa valorização que se traduziu em progressos segundo indicadores apresentados por Monteiro (2014, p.53) no trecho que se segue, o rendimento escolar não espelhava essa valorização por vários fatores observados pelo mesmo:

os progressos realizados desde a Independência (melhoria de qualificação dos professores, diminuição de 15 por cento do ratio aluno /professor, abertura de 119 salas para EBE, ou seja, um aumento de 20 por cento), observa-se que, em virtude das condições materiais do ensino – locais exíguos e inadaptados, professores mal formados (cerca de 70 por cento com apenas uma formação mínima) –, da situação económica dos alunos e da inadequação dos programas, o rendimento (...)

<sup>19</sup> (Barros, 2009). in Género, Cidadania e Identidade fala do mito da especificidade de cabo Verde, uma série de discursos, no século XIX colocando Cabo Verde numa posição especial diante das outras colonizações. Ideteteve esse efeito; até aos dias de hoje cabo-verdianos vivem essa crise identitária: africano, europeu ou cabo-verdianos?

<sup>20</sup> No entanto ainda hoje encontramos elementos da política colonial no sistema nacional de ensino.

Esta situação colocou Cabo verde numa relação de dependência e cooperação tanto no plano económico como educacional- são os quadros estrangeiros a pensar, planificar e executar políticas educativas, muitas vezes desfazadas da realidade socio-histórica do país traduzidos em Curriculas, Programas, Manuais e práticas descontextualizadas Esta situação dificultou a concretização do segundo objetivo, pois ainda segundo Monteiro (2014,p. 30) se :

No contexto da luta pela independência, assumiu-se que após a sua proclamação, o sector da educação, mormente a educação secundária, deveria ser o ângulo a partir do qual proceder-se-ia o desencadear de processos de desmantelamento da educação colonial, permitindo, por esta via, a configuração de um sistema educativo fundamentado na idiossincrasia cultural, histórica e identitária da sociedade cabo-verdiana. Porém, por razões debatidas, este objectivo não foi cumprido, no quadro dos processos de reconfiguração do ensino secundário após 5 de Julho de 1975. Todavia, a matriz da educação secundária cabo-verdiana dilui-se num plano curricular que não se compromete profundamente com os valores históricos e culturais do país.

A aposta na educação enquanto fator estruturante para o seu desenvolvimento, investindo nos recursos humanos foi o lema do r governo saído da independência. Em pouco tempo aumentou-se o número de quadros profissionais e em particular o número de professores. De dois liceus, hoje temos escolas secundarias em toas as ilhas e concelhos do país; temos cerca de onze universidades e Institutos superiores em Cabo Verde.<sup>21</sup>

### **Do Ensino Secundário**

O Ensino Secundário teve o seu início, propriamente dita, nos meados do século XIX, com a construção do Seminário Liceu de São Nicolau. No entanto, tinha um pendor profundamente elitista, como referiu Monteiro (2014,p.39).

A educação secundária nasceu com um carácter principalmente elitista, visando, essencialmente, uma determinada clientela e constituindo uma base a partir da qual se recrutava as elites intelectuais indispensáveis para a contínua reprodução do domínio das classes consideradas decisoras. Dito de outra forma, o ensino secundário tratava de inculcar a considerada cultura legítima e superior a um público muito bem enquadrado socialmente, visando, deste modo, a criação de uma base imprescindível de dominação cultural.

Carateristica essa que vai marcar todo o sistema nacional de educação até ao processo de democratização do país, onde se deu a massificação do ensino e , segundo o disposto na lei n° 103/III/90 de 29 de dezembro, da lei de base do sistema nacional de educação: Todo o cidadão tem o direito à uma educação de qualidade.

<sup>21</sup> Consultar o [WWW.jovemtudo.cv](http://WWW.jovemtudo.cv).



### **As Bases Atuais do Sistema Educativo / Práticas e Vivências Educativas**

A Lei que aprovou as Bases do Sistema Educativo atual data de 1990, Lei nº 103/III/90 de 29 de Dezembro, consagra a escolaridade mínima obrigatória até ao 6º ano e o ensino secundário estruturado em três ciclos: Um tronco Comum ( 7º e 8º Ano de escolaridade), uma via geral ( 9º a 12º Ano de escolaridade ) e uma via técnica ( a partir do 10º ano ). **O Decreto-Legislativo nº 2/2010<sup>22</sup>**: Revê as Bases do Sistema Educativo, aprovadas pela Lei nº 103/III/90, de 29 de Dezembro, na redação dada pela Lei nº 113/V/99, de 18 de Outubro. Estabelece assim, então, as bases do sistema nacional, assente numa escolaridade mínima obrigatória até aos 8º ano de escolaridade precedendo assim as duas vias gerais e técnicas. Também inclui as bases para o ensino Universitário.

No presente momento o sistema está num processo de renovação e revisão curricular. Mudanças curriculares, introduziram a História e Geografia de Cabo Verde, História da África e Línguas estrangeiras, Francês e Inglês ( no primeiro pilar do sistema designado antes EBI- ensino básico integrado, e agora EBO- Ensino Básico obrigatório ) ; introduziu-se Mandarim e Empreendedorismo no secundário. No plano de organização e gestão escolar introduziram o modelo de agrupamentos.

O quadro que se segue, está integrado na tese de Doutorado de Monteiro (20014), onde mostra os desafios do governo em paralelo com os desafios do mesmo para o setor da educação segundo a lei de base em pauta:

---

<sup>22</sup> Ver em Anexo a lei de Base do Sistema educativo atual.

Cabo Verde e os desafios assumidos	Desafios atribuídos ao Sistema Educativo (Ensino Secundário, sobretudo)
<p><b>1- Programa do Governo (2011 – 2016)</b>  <b>“A nossa visão”</b>            “Construir uma nação inclusiva, justa e próspera, com oportunidades para todos (...). Construir uma economia dinâmica, competitiva e inovadora com prosperidade partilhada para todos. (p. 14, Boletim oficial nº 20, I Série (Suplemento), 14 de Junho de 2011, resolução 21/2011”.</p> <p>A materialização dessa visão passa pela:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Estruturação de uma plataforma de serviços em vários sectores: Cluster do Mar, Hub para transbordo de carga de passageiros, serviços financeiros internacionais, Cluster TIC, Cluster de Energias Renováveis, as economias Criativas</li> <li>- Capacitação dos recursos humanos e produção de conhecimentos propiciador de crescimento económico, no quadro da criação de uma sociedade do conhecimento;</li> <li>- Transformação da cultura cabo-verdiana num recurso estratégico;</li> <li>- Qualificar o sistema educativo cabo-verdiano.</li> <li>- <b>Em conclusão:</b> “o sistema de ensino terá de produzir capacidades necessárias para que a visão nacional seja atingida (...)”.</li> </ul>	<p><b>1- Programa do Governo (2011 – 2016)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1.1 Criação de habilidades para o século XXI;</li> <li>1.2 Criação de condições para estender o ensino obrigatório até o 12º ano de escolaridade;</li> <li>1.3 Fazer evoluir o Ensino Secundário para a promoção de saídas profissionais, sem excluir o acesso directo ao Ensino Universitário;</li> <li>1.4 Adequar o conteúdo do ensino às exigências dos novos tempos, com ênfase em disciplinas-chave e na informática, dotando os formandos de competências essenciais a mercados de trabalho.</li> </ol> <p><b>2- Os objectivos do Ensino Secundário no quadro da Lei de Bases do Sistema Educativo (Art. 25º, Revisão de 2010)</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>2.1 Desenvolver a capacidade de análise e despertar o espírito de pesquisa e de investigação;</li> <li>2.2 Propiciar a aquisição de conhecimento com base na cultura humanística, científica e técnica, visando, nomeadamente, a sua ligação com a vida activa;</li> <li>2.3 Promover o domínio da escrita da língua materna cabo-verdiana, bem como da língua portuguesa, reforçando a capacidade de expressão oral e escrita;</li> <li>2.4 Facilitar ao aluno o entendimento dos valores fundamentais da sociedade em geral e sensibilizá-lo para os problemas da sociedade cabo-verdiana e da comunidade internacional;</li> <li>2.5 Garantir a orientação e formação profissional, permitindo maior abertura para o mercado de trabalho, sobretudo pela via técnica;</li> <li>2.6 Permitir os contactos com o mundo do trabalho, visando a inserção dos diplomados na vida activa;</li> <li>2.7 Promover a educação para cidadania e o desenvolvimento de valores morais, éticos e cívicos;</li> <li>2.8 Promover o ensino obrigatório de duas línguas estrangeiras;</li> <li>2.9 Criar hábitos de trabalho, individualmente e em grupo e favorecer o desenvolvimento de atitudes de reflexão metódica, de abertura de espírito, de sensibilidade e de disponibilidade e adaptação para a mudança.</li> </ol>

**Fontes:** Programa do Governo (2011-2016); LBSE (revisão de 2010).<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Tabela extraído da obra Barros( 2014, p.119)

Existe um plano estratégico para a educação até 2020, propondo inovações no sistema nacional de educação no ponto de vista curricular, de gestão curricular tecnológica e pedagógica:

- A consolidação do modelo de gestão Agrupamentos: um modelo novo para a realidade caboverdeana, impondo muitos desafios<sup>24</sup> como a dispersão geográfica.
- Inovações pedagógicas voltadas para práticas modernas e ativas centralizadas no aluno como autor de produção do seu próprio saber, criativo e crítico capaz de intervir na realidade social onde vive.
- Inovações tecnológicas : munir escolas, professores e alunos de recursos tecnológicos na perspectiva não só de uso mas como ferramenta pedagógica.
- Reformas curriculares no sentido de promover uma educação inclusiva e capaz de responder as demandas socio-demográficas e económicas do país: a inclusão e integração de adultos e jovens fora das condições normais de acesso no plano formal de educação; Tutela pelo Ministério da Educação do Pré escolar etc.

#### **4. AO ENCONTRO DO MOTE DO SIMPÓSIO: ENSINO DA CULTURA AFRO.**

No que se refere ao ensino da Cultura Afro, em Cabo Verde, ela não se encontra timbrada no grade curricular ( no básico e secundário apenas se estuda a História da África pré colonial: Reinos e impérios da região ocidental numa perspectiva historicista descritiva e não historicista crítica, e ainda muito eurocentrada. O mesmo se passa em relação á própria história e cultura cabo-verdeana; Os conteúdos seguem uma visão eurocêntrica na sua concepção e disponibilidade; a descontextualização dos conteúdos em relação ao ambiente sócio/económica, também, marcam as vivências e práticas curriculares em Cabo Verde: curriculums elaborados top/down, réplicas de Portugal ou Brasil.

No seu artigo Raça, Classe, Etnia, no Estudo Sobre e em Cabo Verde: As marcas do silêncio, Furtado mostra as armadilhas teóricas no estudo da construção social do homem cabo-verdeano, impondo certas presenças (a centralidade das dimensões étnica e racial aparecem essencialmente como categoria de análise do processo de formação, e não como categorias analíticas da estruturação. No entanto em Cabo Verde vivencia-se realidades criadas pelo desconhecimento da nossa origem, da nossa história e da nossa cultura afro (Furtado, 2012, p. 8):

---

<sup>24</sup> Não será anacrónico? Em outras paragens vive-se a falência deste modelo, a realidade geo-económica do país (arquipelagos com poucos recursos económicos e carências de infraestruturas de mobilidade), a possibilidade de haver «enclausuramento»

- um **Racismo que se diz disfarçado ( mas é real )**. No período colonial, os portugueses montaram um sistema societário complexo: branco, mestiços, assimilados (negros e mestiços, antigos e novos), cabo-verdianos, indígenas, etc. E as políticas educativas levadas a cabo desde a independência até ao presente momento não conseguiram anular esse discurso no imaginário do homem caboverdiano. O tom da pele, o status e prestígio social de certas famílias continuam a ser fator de diferenciação em várias esferas da sociedade e em particular das escolas: no acesso à informação, no tratamento quotidiano da sala de aula, no acesso a bolsa de estudos, no acesso ao primeiro emprego etc. No seio da sociedade encontramos práticas de intolerância e discriminação racial: caso dos chamados «mandjacos».<sup>25</sup>

- **Uma crise identitária** no seio da população: uns se identificam como europeus, outros como africanos, e ainda outros como Cabo-verdianos negando tanto a África como a Europa.

- Cabo Verde se gaba por ser uma nação unida pelos valores culturais e históricos, no entanto existem «**pelejas**» **silenciosas tanto cultural, político e «racial»** entre os chamados «Sampadjudos» e «Badios». Algo que se assemelha às pelejas e valorização dos elementos culturais e fenotípicos no Brasil entre cariocas, são paulense nordestino, índio ou quilombolas, negro, branco, mestiço etc. Portanto uma diversidade em busca de autoafirmação e valorização particular. Nos discursos políticos e até de estudiosos deixam-se transparecer um Cabo Verde homogêneo, no entanto, do ponto de vista de práticas culturais, no fenotípico existem grandes diferenças entre as populações do barlavento e sotavento, bem como entre os sampadjudos (exclui os santiaguenses e inclui todas as outras ilhas).

- **Língua Materna** não oficializada: com sérias implicações no sistema de ensino e aprendizagem, contrariando o que vem disposto na própria LBSE no seu artigo 9º ponto 2: *Com o objectivo de reforçar a identidade cultural e de integrar os indivíduos na colectividade em desenvolvimento, o sistema educativo deve valorizar a língua materna, como manifestação privilegiada da cultura.* Existe uma prática, quase generalizada, do uso somente do português na sala de aula.

- **Questões de Géneros.** Ainda hoje no sistema de educação informal persistem elementos de uma herança educacional atribuindo certos papéis ou tarefas a indivíduos do sexo feminino ( nos afazeres domésticos, nas atividades de lazer, jogos e brincadeiras) com repercussões no sistema formal de educação<sup>26</sup>.

<sup>25</sup> Manjacos, uma etnia africana. Em Cabo Verde usa-se para se referir aos Imigrantes da Costa Africana mas com um cunho pejorativo. Quando se adjectiva o comportamento de alguém como mandjaco, quer-se muitas vezes dizer que ele não tem carácter.

<sup>26</sup> Experiências relatada por uma Professora exercendo funções ligadas a questões de género.

Ainda no bojo deste mote, de realçar que, pela sua formação histórica, existem variedades de elementos da Cultura lusa e brasileira no substrato cultural cabo-verdiano e também no próprio sistema nacional de educação:

- **Caso Luso:** No nosso sistema político, social e económico persistem elementos herdados do sistema colonial<sup>27</sup> e funcionam sob a influência do sistema atual português e Europeia : nas grandes reformas políticas, económicas e educativas, na planificação de políticas públicas, na cocnceção de planos curriculares e manuais escolares são chamados especialistas estrangeiros ( ainda persiste na mente do cabo-verdiano a subjugação, a valorização do outro, a não aceitação do eu fruto de uma educação marcada por políticas predatória<sup>28</sup>. A nossa Morna se atribui a origem do fado português; o nosso sistema linguístico , o crioulo contem grande parte de lexicos ou vocábulos, derivados do português ; A nossa religião é marcada pelo cristianismo trazido da Europa embora na pratica exista um sincretismo religioso; no nosso quautidiano em termos de tendências de moda, estilos de vida predominam valores ocidentais. Recentemente com a (re )afirmação do movimento africanista no país tem-se introduzido no modisno elementoa Afro ( nos penteados, vestuários, música e até na criação de grupos/ movimentos africanistas)

- **Caso Brasileiro:** Já houve no passado do homem cabo-verdiano o querer se unir ao brasil.<sup>29</sup> O Brasil está muito presente na nossa sociedade: O carnaval, o Samba, o fubá (farinha de milho, mandioca ou macacheira), a capoeira, o sanfona ( gaita ), a pinga de cana de açúcar, o sincretismo religioso traduzido nas festas de romarias ou religiosas, apego pelas telenovelas entre tantas outras manifestações culturais. O nosso português , hoje, tem mescla do português brasileiro, principalmente na vertente oral. Essa presença deve-se não só á nossa historia comum – dominio colonial português mas também , às relações político diplomáticas estabelecidas com o Brasil, principalmente na àrea da educação e ensino. Em suma encontramos muitas tendências brasileiras no substrato social e cultural cabo-verdiano.

**Caso Afro.** «Nós somos» África: Sousa (2016) deixa bem claro que apesar da existência de uma narrativa sobre mestiçagem na formação da sociedade caboverdiana 8e da própria política colonial terem eclipsado e diluído África na sociedade caboverdiana , ela se encontra presente não só nos traços fenotípicos dos caboverdianos, mas também na sua cultura e no seu *oculis mundi* (a produção rural fundamentado na prática da agricultura familiar carateristicos das sociedades

<sup>27</sup> Ver..

<sup>28</sup> Uma expressão usada por Moniz ( 2007)

<sup>29</sup>

bantu: na sua língua, oralidade, espiritualidade, arte, etc. Em outras manifestações, também encontramos África: na tabanca, no batuco e no funaná (expressões da nossa música).

### **Pesquisa e Estudos.**

De uma forma geral, a investigação científica em Cabo Verde, ainda é algo muito ténue. A mais antiga universidade, ainda conta apenas com 20 edições em termos de newsletter.

Alguns investigadores de renome no concernente à área da educação e História de Cabo Verde: Elisa Andrade, Maria Adriana Carvalho, João Lopes Filho, Bartolomeu Varela, Arlindo Vieira. No entanto alguns jovens investigadores tem trazido novas contribuições com novos paradigmas no estudo da história de Cabo Verde: novos paradigmas mais contextualizada fugindo da visão eurocêntrica; tendências mais para busca da raiz africana:

- Osvaldino Monteiro- "The Representation, of Europe in the Capverdean secondary education; Ensino secundário em cabo verde: trajetórias históricas, desafios e formação (pedagógica ) docente.
- Nardi Sousa: Muntu: O Outro (Lado) Esquecido da Cabo-verdianidade
- Vítor Barros - Sob o Signo do Império: o discurso colonial e o mito da especificidade cabo-verdiana, in Sociedades desiguais :Género, Cidadania e Identidades.
- Danilo de Jesus Santos- O Cabo-verdiano Através dos Olhos dos Farrosteiros - Representações dos Textos Portugueses 1789 1844.
- Elias Alfama Moniz- Africanidades, versus europeísmo : pelejas culturais

## **5. DESAFIOS DO ENSINO SECUNDÁRIO NO CONTEXTO DE UMA SOCIEDADE PLURAL**

Considerando a questão central deste debate : Ensino da Cultura Afro impõe-se:

- Adequação do ensino secundário com base em enfoques históricos, práticos e concretos: um ensino que valoriza a matriz histórica da formação da sociedade cabo-verdiana nas suas múltiplas valências: africanidade e europeidade, fugindo do centrismo (nesse caso eurocentrismo ) em uma das valências em detrimento da outra ( africanidade). "*O desafio de (re) configuração de um sistema educativo plasmado a partir das contribuições de ângulos sociais diversos deve ser assumido como um compromisso público*".( Monteiro, 2014)
- Monteiro ( 2014) diz que o ensino deve fugir da "quimera das retóricas modistas circunstanciais e, por conseguinte, das medidas e enfoques orientadores cujo ciclo de validade dependente da

aventura de liderança dos grupos políticos, contradizendo, de uma forma comprometedora, a assunção do desígnio de construção de uma sociedade de conhecimento."

- Melhorar as bases da formação docente em matéria de estudos africanos: Sousa (2016) considerou que a diluição da África e a pouca assunção da africanidade na sociedade cabo-verdiana deve-se ao deficiente ensino da História geral da África; "Os docentes do ensino secundário enfrentam novos desafios. As responsabilidades atribuídas a este nível de ensino assim o exigem. Novas competências pedagógicas são hoje exigidas aos professores do ensino secundário, destacando-se, de entre elas: capacidade de negociação e promoção de pontes de entendimento, numa tessitura plural, que é a sala de aula; a capacidade de contextualização estratégica dos problemas; a capacidade de resolução de situações problemáticas; a capacidade de gestão da diversidade; a capacidade de inovar, etc Um ensino secundário de qualidade requer, como condição determinante, um docente com plenos domínios da sua formação histórico social e cultural;
- Isto deve acontecer, também, a nível dos discentes: introduzir mais cedo a História da África no currículo .
- Assumir a investigação científica como condição fundamental para a melhoria do sistema e do desenvolvimento humano social; financiamento das práticas de investigação científica; alargamento do campo de investigação no domínio de estudos africanos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, V. (2009). Sob o signo do Império: o discurso colonial e o mito da especificidade. Em M. Mwewa, G. Fernandes, & P. Gomes, *Género, Cidadania e Identidade* (pp. 151- 185). Nova harmonia.

CABO VERDE. Direção de Serviços parlamentares. (2013). Constituição da República de Cabo Verde. Assembleia Nacional.

FURTADO, J. P. (setembro de 2008). *Portal do conhecimento de Cabo Verde*. Obtido de FURTADO, C. (2012). [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0002-05912012000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000100006). Obtido de Afro Asia: [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0002-05912012000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0002-05912012000100006)

LEI de Base do Sistema Educativo. (Maio de 2010). Cabo Verde.

MONIZ, E. A. (2007). *Africanidades e Eurocentrismo em pejeas Culturais e educacionais no fazer histórico em Cabo Verde*. Praia: IBN.

Monteiro, F. O. (12 de Abril de 2014). *Portal do Conhecimento de Cabo verde*. Obtido de



[https://www.academia.edu/1741846/Lei\\_de\\_Bases\\_do\\_Sistema\\_Educativo\\_cabo-verdiano\\_em\\_vigor](https://www.academia.edu/1741846/Lei_de_Bases_do_Sistema_Educativo_cabo-verdiano_em_vigor). (s.d.). Obtido de [www.academia.edu](http://www.academia.edu): <https://www.academia.edu/29686697>

INE.CV. (12 de 2017). Obtido de ine.cv: <http://ine.cv/wp-content/uploads/2017/12/aecv-2016-1.pdf>

SOUSA, N. (1 de Dezembro de 2016). Muntu: o Outro ( lado) esquecido da caboverdianidade. *Revistas de Estudos cabo-verdianos*, pp. 21-38

WWW.portaldoconhecimento.gov.cv: <http://hdl.handle.net/10961/3902>

WWW.portaldoconhecimento.gov.cv: <http://hdl.handle.net/10961/2688>

